

### A RECUPERAÇÃO DA RENDA

*Emprego recorde, geração de postos formais de trabalho, queda da taxa de desemprego e recuperação da renda marcaram 2022, mas desaceleração é esperada para 2023.*

O ano de 2021 ficou marcado pela recuperação dos empregos perdidos no período mais agudo da pandemia em 2020, mas com a renda ainda sem mostrar qualquer indício de reação em função da predominância dos empregos informais. Por esse motivo, o título desse capítulo no ano passado foi “Mais emprego, menos renda”. Já 2022 teve como destaque a recuperação da renda, com a massa de rendimentos superando os níveis pré-pandemia e a renda média em trajetória de recuperação. A continuidade na abertura de empregos, em especial no mercado formal, combinada com a queda da inflação ao longo do ano, contribuíram para esse resultado.

No Brasil, a geração de empregos com carteira assinada, que apresenta saldo positivo de 2,3 milhões no acumulado em 12 meses até outubro, deve terminar 2022 com 2,2 milhões de postos abertos. Em 2023, esperamos a criação de 550 mil empregos. Outra consequência do aquecimento do mercado de trabalho foi a forte queda da taxa de desemprego, saindo de 12,1% em outubro de 2021 para 8,3% no mesmo período de 2022, o que representa quase 4 milhões de desempregados a menos em apenas um ano. Esperamos que o movimento de queda continue no restante de 2022, com a taxa fechando o ano em 8,0%, o que resulta em uma taxa média anual de 9,3%. Para 2023, projetamos desemprego em patamares semelhantes aos da segunda metade de 2022, com taxa média de 8,8% e 8,5% no final do ano.

No Rio Grande do Sul, os movimentos no emprego e na renda foram semelhantes aos que ocorreram no Brasil, até superiores em alguns aspectos. No caso da renda, a economia gaúcha já superou os patamares pré-pandemia, tanto na medida de massa quanto na renda média. Apesar da estiagem que se refletiu no PIB, o bom desempenho da Indústria e dos Serviços contribuíram para os bons resultados no mercado de trabalho. O aumento da ocupação foi acompanhado por uma queda no número de desempregados, fazendo a taxa de desemprego cair para 6,0% no terceiro trimestre de 2022, saindo de 8,4% um ano atrás. No quarto trimestre, espera-se nova redução para 5,7%, fechando com o ano com média de 6,4%. Com esse movimento, o desemprego se distanciou do patamar médio de pouco mais de 8% que vigorou por muitos anos. Para 2023, assim como no Brasil, esperamos a taxa de desemprego gaúcha em níveis próximos aos de 2022, com média de 6,2% e atingindo 6,0% no final do ano. Quanto aos empregos formais, a perspectiva é de criação de 106 mil vagas em 2022, uma desaceleração frente ao acumulado em 12 meses até outubro (+115 mil). Em 2023, esperamos a criação de 38 mil empregos no Estado, sendo 12 mil na Indústria.

#### **Brasil: bons resultados prevaleceram em 2022, mas cenário deve mudar no próximo ano**

Se o ano de 2021 teve como destaque a volta dos empregos, 2022 marcou a recuperação da renda dos brasileiros, com algumas medidas se encontrando em patamares superiores ao pré-pandemia. Ao longo do ano, a massa de renda do trabalho voltou a subir, após a forte queda em 2020 e a praticamente estabilidade em nível baixo em 2021, conforme ilustra o Gráfico 4.1. A soma mensal dos rendimentos advindos do trabalho no Brasil atingiu R\$ 269 bilhões em outubro de 2022, nível 11,8% superior ao pior momento em novembro de 2021 (R\$ 241 bilhões) e 2,3% acima do pico atingido em novembro de 2019 (R\$ 263 bilhões), já considerada a inflação.

A massa de renda é uma combinação entre o número de empregados e a renda média. A evolução do segundo elemento da conta está no Gráfico 4.2. Após cair ao nível de R\$ 2.574 em dezembro de 2021, o menor valor da série histórica, a renda média real subiu para R\$ 2.754 em outubro de 2022, valor ainda 2,1% abaixo do pré-pandemia (R\$ 2.81 em dezembro de 2019), mas que já mostra alta de 7,0% frente ao final de 2021 (R\$ 2.574)<sup>1</sup>. A redução da inflação contribuiu para esse desfecho, bem como o aumento dos salários nominais como reflexo de um mercado de trabalho mais apertado.

**Gráfico 4.1. Massa real de renda habitual de todos os trabalhos – BR**

(Em R\$ bilhões)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 4.2. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos – BR**

(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

Logo, o grande responsável pelo aumento da massa de rendimentos foi o crescimento do número de empregados. Como pode ser visto no Gráfico 4.3, a população ocupada atingiu o recorde de 99,7 milhões de pessoas em outubro de 2022, o que representa aumento de 4,3% frente ao pré-pandemia (+4,1 milhões de empregos). Desse total, 3,9 milhões foram empregos formais e apenas 209 mil empregos informais.

**Gráfico 4.3. População ocupada – BR**

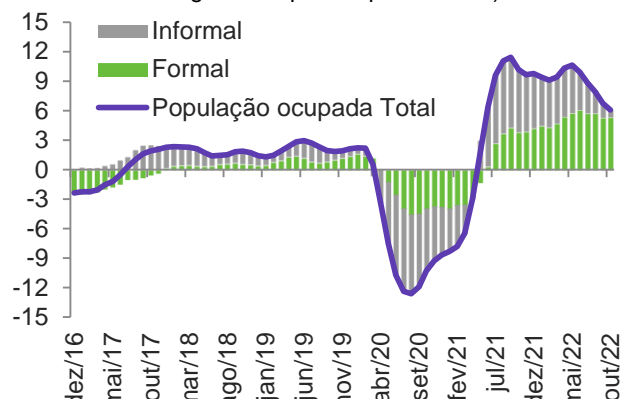
(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.  
OBS: No eixo horizontal está indicado o mês final do trimestre.

**Gráfico 4.4. Variação da população ocupada por categoria formal x informal – BR**

(Variação % interanual da PO e contribuição de cada categoria em pontos percentuais)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.  
OBS: No eixo horizontal está indicado o mês final do trimestre.

<sup>1</sup> Cabe mencionar que o forte aumento da renda média nos meses seguintes ao início da pandemia, ilustrado no Gráfico 4.2, ocorreu pela perda expressiva de empregos informais, que possuem renda mais baixa.

A maior contribuição dos empregos formais no aumento da população ocupada em 2022 pode ser vista no Gráfico 4.4. Vale destacar que as ocupações informais foram as mais prejudicadas no início da pandemia, mas também puxaram a recuperação com o retorno das atividades. No final das contas, o resultado líquido do período mostra que os empregos formais ganharam espaço, sendo um dos fatores que ajudam a explicar o aumento da renda média.

O aumento da população ocupada foi mais do que suficiente para absorver as pessoas que voltaram ao mercado de trabalho, fazendo o número de desempregados voltar a ficar em um dígito: 9,0 milhões em outubro de 2022. No mesmo período do ano passado eram 12,9 milhões, ou seja, quase 4 milhões a menos. O Brasil conviveu mais de 6 anos com número de desocupados em dois dígitos, como herança da grande crise de 2015-2016, com o maior contingente da série atingido em março de 2021 (15,3 milhões), em decorrência da pandemia.

Com isso, a taxa de desemprego caiu muito em um curto período, saindo de 12,1% em outubro de 2021 para 8,3% em outubro de 2022 (Gráfico 4.5). Nem mesmo a sazonalidade típica de elevação nos inícios de ano aconteceu em 2022. Por conta dessa sazonalidade e evolução da atividade econômica, esperamos que o movimento de queda continue no restante de 2022, com a taxa fechando o ano em 8,0%, o que resulta em uma taxa média anual de 9,3% (Gráfico 4.6).

**Gráfico 4.5. Taxa de desemprego – BR**

(Em % da força de trabalho | Taxa no trimestre)

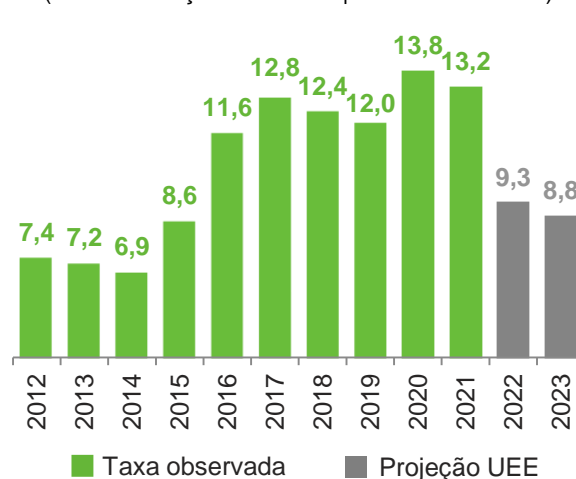


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

OBS: 1) Os pontos cinza são as projeções para o 4º trimestre de 2022 e 2023, e o ponto preto é a taxa no trimestre até outubro de 2022 (último valor observado). 2) No eixo horizontal está indicado o mês final do trimestre.

**Gráfico 4.6. Taxa média de desemprego – BR**

(Em % da força de trabalho | Taxa média anual)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

OBS: A média em quatro trimestres até o trimestre encerrado em outubro de 2022 foi de 9,8%.

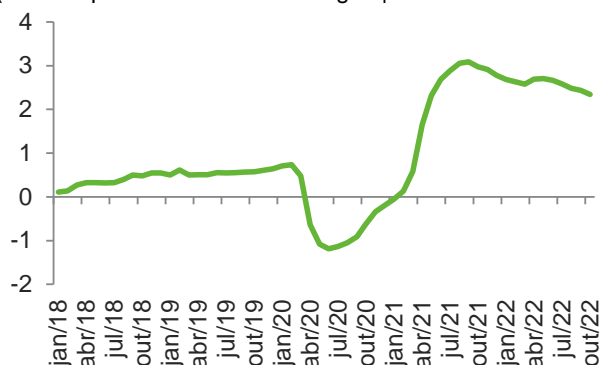
Para 2023, em decorrência do baixo crescimento esperado para a economia, projetamos a taxa de desemprego em patamares semelhantes aos da segunda metade de 2022. A taxa deve seguir o movimento típico de aumento no início do ano, mas depois cair para 8,5% em dezembro. Mesmo com a taxa final um pouco superior, a taxa média deve ser menor que a de 2022, por conta da base alta no início de 2021. Em resumo, podemos dizer que a taxa de desemprego deve andar de lado no próximo ano, com uma leve tendência de alta.

O bom desempenho do mercado de trabalho formal, com reflexos na melhora do emprego e da renda, também pode ser visto nos dados do CAGED. Apesar da desaceleração observada desde o quarto trimestre de 2021 (Gráfico 4.7), o Brasil deve fechar o ano de 2022 com 2,2 milhões de postos de trabalho com carteira assinada gerados, conforme as projeções da Tabela 4.1. Se confirmado, o volume ficará abaixo do observado no ano anterior (+2,8 milhões) e do acumulado em 12 meses até outubro (+2,3 milhões). Em termos setoriais, vale destacar o

desempenho de duas atividades intensivas em mão de obra para o resultado geral: Serviços e Construção. Com altas de 5,6% e 9,8%, respectivamente, ambas devem fechar o ano com crescimento do estoque de vagas acima da média nacional de 5,4%.

**Gráfico 4.7. Geração de empregos formais – BR**

(Saldo líquido em milhões de vagas | Acum. em 12 meses)



Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.  
OBS: Dados ajustados com as declarações fora do prazo.

**Tabela 4.1. Geração de empregos formais por setores – BR**

(Saldo líquido em mil vagas)

	2021	Acum. 12 meses até out/22	2022*	2023*
<b>Agropecuária</b>	146	72	67	15
<b>Indústria</b>	721	545	510	129
Transformação	440	269	251	63
Construção	245	242	227	58
Extrativa e SIUP**	37	34	32	8
<b>Serviços</b>	1.909	1.723	1.611	406
<b>Total da economia</b>	2.777	2.340	2.189	550

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.  
\* Previsão FIERGS/UEE. \*\* Serviços Ind. de Utilidade Pública.  
OBS: Dados ajustados com as declarações fora do prazo.

A tendência de desaceleração na geração de empregos deve continuar em 2023. Os dados históricos apontam que a cada 1 ponto percentual de crescimento do PIB, a economia brasileira gera cerca de 400 mil empregos. Porém, nos dois últimos anos, os resultados foram maiores do que essa relação sugere, com cerca de 700 mil vagas para cada ponto do PIB. Cabe lembrar que houve mudança de metodologia nos dados a partir de 2020. Contudo, ainda não é possível afirmar com precisão se houve mudança no nível da geração de empregos, de modo que cada ponto percentual de PIB gere mais vagas, ou se os resultados expressivos são apenas temporários. Isto é, pode ser que ocorreram em função de uma combinação do efeito rebote pós-pandemia – volta da economia além do esperado – com as medidas de proteção ao emprego adotadas em 2020/2021 e que tiveram reflexo até abril de 2022. Ademais, a crise de confiança e incerteza que se instalou no País tem potencial de adiar ou até mesmo cancelar investimentos, seja em capital físico ou humano. Levando tudo isso em conta, nossa expectativa é de criação de 550 mil postos de trabalho no Brasil em 2023, com geração de 129 mil vagas na Indústria. Em termos de estoque de empregos, isso representa uma alta de 1,3%, próximo ao que esperamos para o PIB.

### **Rio Grande do Sul: mercado aquecido torna evidente alguns problemas estruturais**

No Rio Grande do Sul, os movimentos no emprego e renda foram semelhantes aos que ocorreram no Brasil. Apesar da estiagem que se refletiu no PIB, o bom desempenho da Indústria e dos Serviços contribuíram para os bons resultados no mercado de trabalho.

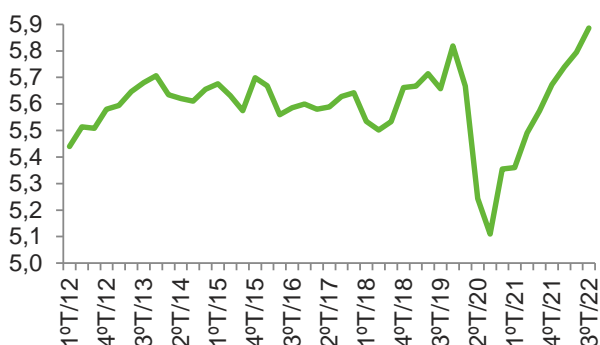
A população ocupada já superou o nível pré-pandemia, atingindo o recorde da série histórica, conforme o Gráfico 4.8. Com números expressivos reportados no Novo CAGED, a geração de empregos com carteira assinada contribuiu para esse resultado. No acumulado em 12 meses até outubro, a economia gaúcha criou 115 mil vagas e deve fechar 2022 com saldo de 106 mil vagas criadas, sendo 70 mil nos Serviços e 33 mil na Indústria (Tabela 4.2). Na Indústria de Transformação, 22 dos 24 segmentos apresentaram saldo positivo nos 12 meses até outubro, com destaque para Couro e calçados (+6,7 mil), Máquinas e equipamentos (+4,7 mil), Veículos

automotores (+4,1 mil) e Alimentos (+2,7 mil). Os únicos com perda de empregos no período foram Móveis (-412) e Tabaco (-411). Assim como no Brasil, a Construção também apresentou bom desempenho.

Para 2023, projetamos a geração de 38 mil empregos no Rio Grande do Sul, sendo 12 mil na Indústria. Mesmo com o forte crescimento esperado para o PIB em função da recuperação da Agropecuária, o saldo de vagas formais deve ser mais baixo que nos anos anteriores em decorrência do menor crescimento esperado para os setores que concentram a geração de emprego no Estado: Indústria e Serviços.

**Gráfico 4.8. População ocupada – RS**

(Em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Tabela 4.2. Geração de empregos formais por setores – RS**

(Saldo líquido em mil vagas)

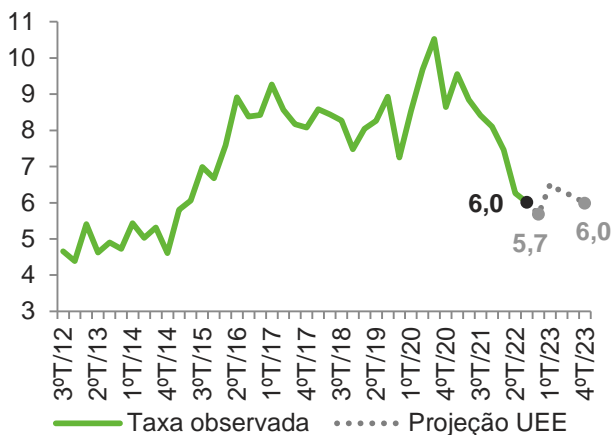
	2021	Acum.		2023*
		12 meses até out/22	2022*	
<b>Agropecuária</b>	4	2	2	1
<b>Indústria</b>	48	36	33	12
Transformação	43	27	25	10
Construção	5	9	8	3
Extrativa e SIUP**	-1	0	0	0
<b>Serviços</b>	90	77	70	24
<b>Total da economia</b>	141	115	106	38

Fonte: MTP/Novo CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.  
\* Previsão FIERGS/UEE. \*\* Serviços Ind. de Utilidade Pública.  
OBS: Dados ajustados com as declarações fora do prazo.

Devido ao aumento no emprego e redução no número de desempregados (-225 mil pessoas desde o pico no 3º trimestre de 2021, redução de 37%), a taxa de desemprego apresentou retração expressiva, caindo para 6,0% no terceiro trimestre de 2022 e deve fechar o ano em 5,7% (Gráfico 4.9). Como consequência, o desemprego se distanciou do patamar médio de 8,3% que vigorou por muitos anos, conforme o Gráfico 4.10. A exceção, por óbvio, foi 2020 com o impacto da pandemia. Para 2023, assim como no Brasil, esperamos a taxa de desemprego gaúcha em níveis semelhantes aos de 2022, com média de 6,2% e atingindo 6,0% no final do ano.

**Gráfico 4.9. Taxa de desemprego – RS**

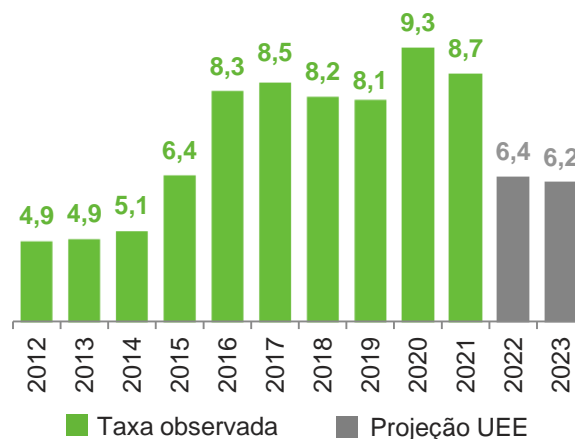
(Em % da força de trabalho | Taxa trimestral)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.  
OBS: Os pontos cinza são as projeções para o 4º trimestre de 2022 e 2023, e o ponto preto é a taxa no 3º trimestre de 2022.

**Gráfico 4.10. Taxa média desemprego – RS**

(Em % da força de trabalho | Taxa média anual)

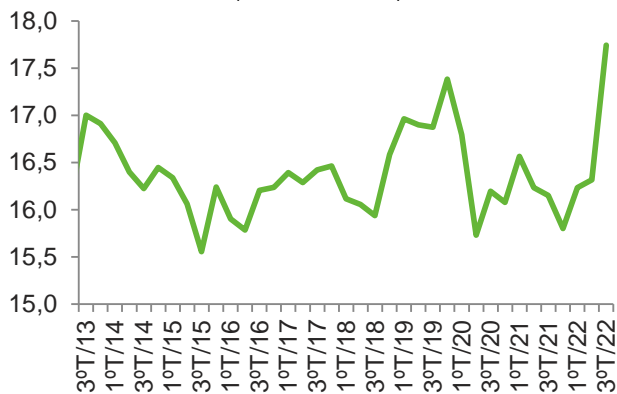


Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.  
OBS: A média em quatro trimestres até o 3º trimestre de 2022 foi de 7,0%.

O mercado de trabalho aquecido no RS, com queda no desemprego e geração de vagas formais, favorece os aumentos de renda. A massa real de renda e a renda média real já superaram os níveis do final de 2019, conforme os Gráficos 4.11 e 4.12, com ambas medidas apresentando forte alta em 2022.<sup>2</sup>

**Gráfico 4.11. Massa real de renda habitual de todos os trabalhos – RS**

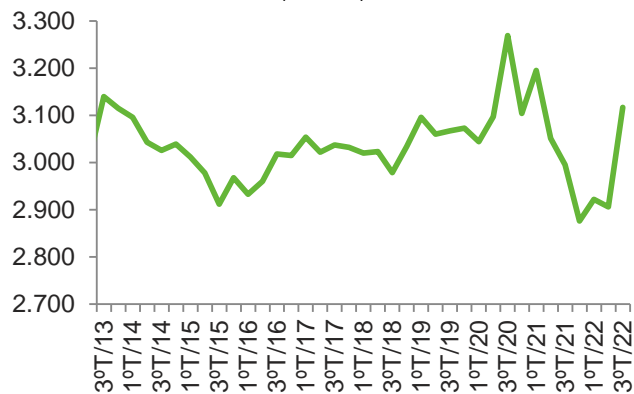
(Em R\$ bilhões)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

**Gráfico 4.12. Renda média real mensal habitual de todos os trabalhos – RS**

(Em R\$)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

Por fim, o momento conjuntural de mercado de trabalho apertado no RS, combinado com fatores estruturais como a má qualidade da educação e a demografia desfavorável por conta do envelhecimento da população, mostra alguns reflexos indesejados, em especial na Indústria. A falta de trabalhadores qualificados voltou a ser relatada como um dos principais problemas na Indústria gaúcha recentemente. A indisponibilidade de profissionais com a qualificação adequada para suprir as demandas de uma indústria cada vez mais tecnológica é um fator limitante ao crescimento da produção do setor.

**Tabela 4.3. Perspectivas – Brasil**

**Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos**

	2021	2022*	2023*
<b>Agropecuária</b>	<b>146</b>	<b>67</b>	<b>15</b>
<b>Indústria</b>	<b>721</b>	<b>510</b>	<b>129</b>
Transformação	440	251	63
Construção	245	227	58
Extrativa e SIUP**	37	32	8
<b>Serviços</b>	<b>1.909</b>	<b>1.611</b>	<b>406</b>
<b>Total da economia</b>	<b>2.777</b>	<b>2.189</b>	<b>550</b>
<b>Taxa de desemprego   Em %</b>			
<b>Fim do ano</b>	<b>11,1</b>	<b>8,0</b>	<b>8,5</b>
<b>Média do ano</b>	<b>13,2</b>	<b>9,3</b>	<b>8,8</b>

Fonte: MTP/ Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. \* Previsão FIERGS/UEE. \*\* Serviços Industriais de Utilidade Pública.

<sup>2</sup> Assim como no Brasil, cabe mencionar que o forte aumento da renda média nos meses seguintes ao início da pandemia, ilustrado no Gráfico 4.14, ocorreu pela perda expressiva de empregos informais, que possuem renda mais baixa.

**Tabela 4.4. Perspectivas – Rio Grande do Sul**  
**Geração de postos formais de trabalho | Em mil vínculos**

	2021	2022*	2023*
<b>Agropecuária</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>1</b>
<b>Indústria</b>	<b>48</b>	<b>33</b>	<b>12</b>
Transformação	43	25	10
Construção	5	8	3
Extrativa e SIUP**	-1	0	0
<b>Serviços</b>	<b>90</b>	<b>70</b>	<b>24</b>
<b>Total da economia</b>	<b>141</b>	<b>106</b>	<b>38</b>
<b>Taxa de desemprego   Em %</b>			
<b>Fim do ano</b>	<b>8,1</b>	<b>5,7</b>	<b>6,0</b>
<b>Média do ano</b>	<b>8,7</b>	<b>6,4</b>	<b>6,2</b>

Fonte: MTP/ Novo CAGED. IBGE/PNAD Contínua. \* Previsão FIERGS/UEE. \*\* Serviços Industriais de Utilidade Pública.